

Dança e diáspora negra: poéticas políticas, modos de saber e epistemes outras

REALIZAÇÃO



CO-ORGANIZAÇÃO



PPGDAN
UFRJ

APOIO FINANCEIRO



Dança e Diáspora Negra: poéticas políticas, modos de saber e epistemes outras

É com grande alegria que o Comitê Temático *Dança e Diáspora Negra: poéticas políticas, modos de saber e epistemes outras* realizou sua primeira reunião durante o 6º Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança. Nesse momento foi revelador verificar a multiplicidade e diversidade de abordagens embasadas por experiências estéticas e poéticas, provenientes do movimento contínuo engendrado pelas diásporas negras no país e no mundo. Nosso objetivo foi criar um ambiente que incentive a produção de conhecimento crítico em torno dos fazeres e saberes engendrados pelas danças negras, concebidas como poéticas políticas que articulam modos de vida afro-diaspóricos, suas tradições, estéticas, corporalidades e desejos.

No século XXI as universidades brasileiras estão sendo convocadas pela sociedade civil e os movimentos organizados a reavaliar seus currículos na perspectiva de contemplar os conhecimentos das artes e culturas africanas aqui transplantadas e recriadas. Através de uma perspectiva decolonial, faz-se necessário construir um ambiente no qual se elabore conexões entre a produção de conhecimento em dança, seus enfoques poéticos, estéticos, filosóficos e educacionais e os fazeres e saberes da diáspora negra.

A proposta do Comitê Temático sintoniza-se com uma demanda contemporânea de pesquisadores em conceber um espaço no qual diferentes olhares sobre as múltiplas abordagens de dança e as formas de vida na diáspora negra se encontrem, possibilitando compreender em profundidade as singularidades e os tensionamentos inerentes às suas poéticas políticas, formas de transmissão de conhecimento e abordagens teórico metodológicas pertinentes.

O Comitê contou com 54 Comunicações Orais aprovadas, das quais 49 foram apresentadas durante o evento e 6 painéis aprovados, com 4 apresentações no total. Após o período de escrita das contribuições para confecção dos Anais foram aprovados um total de 34 artigos finalizados e dois resumos expandidos entre seus participantes.

Contamos com a participação de pesquisadores locais, residentes em Salvador, do recôncavo baiano e interior do estado da Bahia e de outros estados (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal e Rio Grande do Sul) e internacionais (Estados Unidos). A intensa participação no primeiro ano de existência do Comitê Temático evidenciou uma demanda de pesquisadores cujas temáticas e abordagens a Associação inicia o diálogo direto, até o momento inexistente. Com o Comitê efetivou-se a possibilidade de criação de um ambiente acolhedor que colaborasse com o adensamento e avanço das reflexões, cruzamentos de experiências de campo, olhares diversos sobre manifestações em comum, a certeza de diálogos aprofundados sobre o campo das danças negras e suas abordagens teóricas, poéticas e educacionais.

O Comitê incorporou a diversidade de temáticas nas danças negras, suas complexidades e múltiplas variações, transbordamentos e contatos. Foi como uma experiência de aquilombamento, agenciado e enriquecido por diferenças, cujo diálogo proposto cartografou a composição de saberes e intensidades.

Chamou-se atenção para a produção e circulação de epistemologias afro-referenciadas, mesclando entendimentos de diversos referenciais africano-brasileiros com conceitos que dialogam com culturas Bantos, Yorubas e de experiência diaspórica distintas. Apresentaram-se paradigmas, metodologias e pressupostos teóricos cujas nomenclaturas relatamos aqui: Ipadê/encontro, Emi-Ofó-Axé, síncopa, encruzilhada, tempo espiralado, pelintrar, negaceios, exusíaco, encantamento, cruço, aterrar, afro-epistemes, dança da indignação, escrevivência, corpo-alfazema, sankofa, oralitura, ancestralidade, afro-perspectividade foram apenas alguns dos conceitos evidenciados nessa gira de saberes.

As pesquisas apresentadas evidenciaram uma contundente produção teórica afroreferenciada capaz de tecer relações entre autores diversos na produção de uma teoria sobre a performance negra na diáspora, correlacionando teorias sobre o corpo, os estudos culturais, as africanidades, os estudos da diáspora e do feminismo interseccional a partir de autores como: Grada Kilomba, Djamila Ribeiro, Carla Akotirene, Stuart Hall, Angela Davis, Abdias Nascimento, Thomas DeFrantz, Brenda Gottschild, A. Mbembe, Inacyra Falcão dos Santos, Júlio Tavares, Luiz Rufino e Luiz Simas, Muniz Sodre, Bunseki Fu-Kiau, Amadou Hampâté Bâ, Conceição Evaristo,

Edimilson de Almeida Pereira, Stuart Hall, Leda Maria Martins, Kariamú Welsh Asante, Oyèrónké Oywùmí, Zeca Ligiero, Marcos Silva, Goli Guerreiro, bell hooks, bem como autores como: Marina de Mello e Souza, Richard Schechner, Victor Turner, Andre Lepecki, Jorge Larrosa, Tim Ingold entre outros, apresentando nas comunicações aprovadas um diálogo transversal e renovado com as tradições do pensamento negro.

O encontro possibilitou que nós pesquisadores congregados no Comitê assumíssemos o desafio e a complexidade de evidenciar a produção de conhecimento no campo das danças negras, percebendo suas demandas, tensionamentos e desafios. Entendemos o caráter relacional e politicamente posicionado na produção do conhecimento em dança. Nos debates dos trabalhos evidenciou-se a formulação de um cuidado no que tange a uma dramaturgia da escuta, assumindo os desafios do encontro com a diferença, a justaposição de lógicas divergentes e do saldo positivo do conflito de ideias.

Verificou-se também a importância de pensar a transmissão dos saberes não como conhecimentos fechados, mas como modos de saber em transformação e tensionamento, implicando na urgência em reaprender a forma de lidar com a diferença, de refazer experiências e saberes atualizados na diáspora em sua lógica de recriação e atualização sempre renovada.

As pesquisas compartilhadas apresentaram-se em diálogo com múltiplas manifestações culturais afro-brasileiras, apresentando uma variedade exuberante vislumbrada em temas como: o Nego Fugido de Acupe, as Umbandas com as Giras de Exu e do povo da rua, as caretas, as escolas de Samba, os grupos de dança afro-brasileira, as associações recreativas negras, as cambindas do Triunfo, as Cheganças, o Maculelê, a Capoeira Angola, as Liturgias do Candomblé e as danças dos Orixas, o Frevo, a Ciranda, as Congadas, as Danças tradicionais moçambicanas e suas implicações com criadores contemporâneos africanos, as dramaturgias de Fusão na dança contemporânea, o samba de pareia de Mussuca, o cenário da produção de dança contemporânea em São Paulo e Salvador, a presença dos corpos negros no balé clássico, as rezadeiras do Bate Folha, o Swing Baiano, a Arqueologia brasileira compondo imagens de dança e suas projeções étnico raciais na performance contemporânea, a mana-chica e manifestares quilombolas, o Boi-

bumba, as mulheres quebradeiras do Coco, os repertórios e estéticas das quadrilhas juninas, as companhias de danças populares, o esforço em montar genealogias de criadores negros, a comparação da presença yorubana entre Brasil e Cuba, as práticas em rede entre coletivos de dança, a presença de corpos dissidentes, suas interseccionalidades e a produção artística com atravessamentos de gênero e sexualidade.

Também foram debatidos as políticas étnico raciais na produção de arquivos e memória, as estratégias em criar modos autônomos de produção na cena de dança contemporânea, a reflexão sobre os processos de curadoria e crítica, a visibilidade de poéticas cujas dramaturgias de dança são estimuladas por temas vinculados a mobilização política étnico-racial de seus intérpretes, o papel da organização de coletivos negro-referenciados e o impacto desses agrupamentos na percepção de corpo e do fazer de dança de seus integrantes.

Nas discussões compartilhadas avançamos no debate sobre os desafios na produção de metodologias de ensino afro-referenciadas e anti-racistas em contextos de racismo estrutural e religioso e a necessidade da elaboração de um currículo vivo, dialógico, inclusivo e relacional. Essas pesquisas corroboraram na compreensão da importância das aproximações com os saberes produzidos nas comunidades em projetos educacionais.

Consideramos o impacto da representação docente afirmativa na área de artes nas escolas, nos Institutos Federais e Universidades públicas. Refletimos sobre a crítica/denúncia de espaços embranquecidos na produção de dança, como as companhias oficiais, as políticas de memória, a produção curatorial dos eventos, a produção acadêmica e o desenvolvimento de estratégias de combate aos espaços de reprodução do racismo institucional. Como decolonizar esses espaços hegemônicos? A resposta parece estar nos esforços em enegrecer os formatos, metodologias, epistemologias, formas de organização e uso dos espaços. Revisando representações e urgências de representatividade nos espaços de poder e produção de conhecimento. Nesse sentido, vale considerar também a importância das alianças e das escutas solidárias no rompimento desses ciclos da branquitude.

Nos relatos das pesquisas evidenciaram processos de reconhecimento (descoberta e identificação étnico-raciais), de deslocamento (corpos que se descobrem racializados socialmente) e desidentificação (respostas às expectativas de estigmatização) dos sujeitos pesquisadores. As rotas e disseminações das dinâmicas culturais da diáspora, seu entendimento renovado da tradição e a questão dos acessos a estes conhecimentos. Foi ressaltado o protagonismo do pensamento preto na luta anti colonial e na produção de conhecimento anti-racista. Diferentes perspectivas e lugares de fala foram confrontados, ressaltando a complexidade de lidar com temas como colorismo e privilégios/fragilidades brancas. Perceberam-se os lugares tencionados entre a produção de conhecimento acadêmico, seus vícios, etiquetas e expectativas e os saberes locais e contra-hegemônicos, suas dimensões religiosas e artísticas, suas dinâmicas de transmissão de conhecimento formais e informais suas rotas, disseminações e acessos.

Ressaltamos que a importância da presença do Comitê na Associação Nacional de Pesquisadores em Dança não está em produzir pensamentos fechados em si mesmos, ou defender uma postura essencializada, circunscrita à mera descrição de experiências dadas *a priori* de maneira ensimesmada e cristalizada, ao contrário, ele visa criar um ambiente propício para o aprofundamento do diálogo entre as diferentes abordagens e o vislumbre de suas conexões possíveis, comparando processos nos quais as poéticas e estéticas negras sejam apresentadas em seu movimento, seus modos de saber, seus desejos e potências. Nosso intuito é apresentar um espaço no qual as pensamentos afro-referenciados estejam reconhecidos em profundidade, enriquecendo-se com um diálogo qualificado, denso, vivencial e epistêmico com o aprofundamento que lhes é devido.

Por fim, o Comitê contribuiu no intercâmbio de ideias, no reconhecimento e maior visibilidade do rico panorama de sua produção acadêmica e na elaboração de novos olhares sobre a produção das danças negras, sua presença, diversidade e complexidade de temas, abordagens e metodologias, seus artistas e pesquisadores nos espaços de produção de conhecimento em dança.

Profa. Dra. Amélia Vitória de Souza Conrado.

Prof. Dr. Fernando Marques Camargo Ferraz.

1913